



## Os ambulantes no carnatal: oportunidades de trabalho ou lazer?<sup>1</sup>

*Autora: Elaine Cristina Alves da Costa Savall<sup>2</sup>*

*Orientadora: Julie Antoinette Cavignac<sup>3</sup>*

No século XX, a reestruturação produtiva imposta pelo mundo moderno afetou negativamente a qualidade de vida dos trabalhadores no mercado formal, o que dificultou a manutenção do vínculo empregatício, reduzindo também as oportunidades de trabalho. De tais mudanças decorrem, em grande parte, o aumento do desemprego, as dificuldades dos empresários em manter o mercado formal diante dos elevados custos dos negócios e uma precarização das condições de trabalho convencionais, fatos estes que impedem a plena satisfação dos indivíduos que se dispõem a alocar sua força de trabalho no mercado.

Retomando a definição do segmento informal de CACCIAMALLI (1991:123) como sendo “o conjunto formado pelos trabalhadores sem carteira assinada e por conta própria”, podemos registrar o grande avanço da informalidade no mercado de trabalho brasileiro, proliferando-se em tipo e número, despontando como uma alternativa de sobrevivência e melhoria das condições de vida. COSTA (1989:18) entende por comércio informal “aquele que

---

<sup>1</sup> Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 01 de Março de 2002.

<sup>2</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFRN.

<sup>3</sup> Orientadora do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFRN.

é exercido no espaço público e que escapa às regras do comércio oficial”, independente de sua maior ou menor permanência num determinado espaço. Tal referência é útil para compreender, sobretudo, o trabalho dos vendedores ambulantes em Natal. Nem todas as atividades informais são desenvolvidas no espaço público, pois, muitas pessoas comercializam produtos ou prestam serviços em suas próprias casas, introduzindo assim uma grande variabilidade das atividades comerciais.

Reflexões sobre o mercado informal são elaboradas por cientistas sociais, tais como OFFE (1989), KOWARICK (1981), LOPES (1993), SOUZA (1980), TOKMAN (1990), entre outros teóricos cujos estudos visam buscar explicações e suporte teórico, principalmente, para a grande incidência das atividades informais nos espaços urbanos. Também encontramos esse tema já desenvolvido no meio acadêmico, entre dissertações e monografias que tratam a respeito da presença do mercado informal na cidade de Natal. Citamos aqui alguns autores, como CAVALCANTI (1988), BRANDÃO (1993), TEIXEIRA (1991) e ARAÚJO (2001)<sup>4</sup>. Por meio da atividade informal, espera-se atingir a sobrevivência material do grupo familiar. Porém, percebe-se uma outra dimensão que não é abordada nos trabalhos dos economistas: o trabalho informal pode ser associado, em certas ocasiões, ao lazer.

Esta análise tem como objetivo o estudo do trabalho informal dos ambulantes no Carnatal<sup>5</sup>, maior evento econômico e social do Estado do Rio Grande do Norte. O setor informal foi escolhido, devido à presença de um número dificilmente quantificável de trabalhadores ambulantes na festa, chamando a atenção dos participantes. A necessidade de aprofundar alguns aspectos ligados a esta realidade resultou neste trabalho. Sabemos que várias festas atraem os ambulantes, porém, o Carnatal, por ser um megaevento, consegue

---

<sup>4</sup> Observar na referência bibliográfica.

<sup>5</sup> É considerado o “carnaval fora de época” de Natal, que dura quatro dias. Detalhamento no cap. II.

levar pessoas que não são ambulantes profissionais. O público é o principal alvo daqueles que atuam no comércio de rua: onde tem festa, aí têm ambulantes. Não poderia ser diferente com o Carnatal.

Escolhemos a perspectiva do ambulante e as formas de atuação do vendedor em um evento que reúne um grande número de pessoas. As atividades comerciais, neste contexto social merecem uma reflexão mais aprofundada.

Queremos aqui investigar a importância e os diferentes significados da economia informal num evento festivo, elaborar um perfil para os trabalhadores do setor informal, bem como avaliar a dinâmica da atividade e a junção trabalho/lazer em um evento como o Carnatal.

#### Trabalho informal e lazer: dois campos de estudo distintos

*Freqüentemente, estudos sobre economia informal enfocando a atividade comercial dos vendedores ambulantes, insistiam sobre a relação entre as atividades do setor informal e as condições socioeconômicas, como pobreza, improvisação, desordem etc. São fatores que normalmente prejudicam a organização do espaço urbano e caracterizam essas atividades como indesejáveis. Neste estudo, tentamos inverter a perspectiva clássica e entender a questão do ponto de vista dos autores, relativizando assim o peso dado ao problema econômico, mostrando dimensões socioculturais das práticas comerciais.*

Nesse contexto, as atividades informais surgem como alternativas de trabalho. Os vendedores são levados a tornar-se ambulantes, em sua maioria, pelas precárias condições de vida, desemprego, facilidade para entrar na atividade, entre outros fatores. O custo inicial é relativamente baixo e sem muita burocracia. Geralmente, os investimentos são predominantemente de origem doméstica, bem como a mão-de-obra que é basicamente

familiar.<sup>6</sup> A insatisfação e os distúrbios sociais, decorrentes das relações de trabalho, levam os indivíduos a uma atividade produtiva que lhes garanta o sustento material, dignidade e auto-realização.

O vendedor ambulante<sup>7</sup> se integra numa rede de circulação de mercadorias, projeta suas vendas, utiliza equipamentos móveis, muitas vezes artesanais, conseguindo alcançar o seu objetivo: “o de manter o seu negócio provisório ou temporário.” (COSTA, 1989)

De um modo geral, são indivíduos que migraram da zona rural para a cidade, como também pessoas que perderam o emprego ou que simplesmente têm o comércio ambulante como profissão. Com o aumento do desemprego, os trabalhadores redescobrem, na rua, novas possibilidades de sobrevivência, estabelecendo suas próprias regras e linguagem, sendo ambulante e “empresário” ao mesmo tempo.

O comércio tem seu lugar reservado nas avenidas e nas ruas centrais da cidade de Natal. Encontram-se comerciantes estabelecidos e regularizados, como também trabalhadores ambulantes. É um espaço marcado por competições e conflitos de toda ordem, entre vendedores formais e informais, agentes da prefeitura e transeuntes. Podemos citar como exemplo os bairros do Alecrim e Cidade Alta, que possuem camelódromos<sup>8</sup> onde ficam alojados os vendedores informais.

Acontece também, no ambiente informal, uma troca de informações e de serviços que resultam das negociações entre trabalhadores e consumidores. Verificamos, sobretudo, durante o Carnatal que é possível suprir as necessidades de moradia, alimentação e

---

<sup>6</sup> Podemos confirmar essas afirmações na obra de VEIGA e CACCIAMALI (1989 e 1991).

<sup>7</sup> Por comércio ambulante entende-se o comércio exercido no espaço público e que escapa às regras do comércio oficial, independente de sua maior ou menor permanência num determinado espaço. (COSTA, 1989, 18)

<sup>8</sup> Foram criados na década de 1990 nas cidades do Nordeste, como solução para estabilizar, controlar e fiscalizar o comércio ambulante.

vestuário, ou seja, encontrar meios de sobrevivência junto a atividade de vendas, mas também de proporcionar lazer para que o trabalhador produza mais e melhor. Assim, nem sempre trabalho e lazer devem ser vistos como contraditórios – isto pode ocorrer diante da necessidade de aumentar a renda proveniente de um empregado formal e manter o do informal. A partir daí, o vendedor integra a economia local, desenvolve estratégias de sobrevivência, faz parte do novo quadro social exigido pelo mundo moderno.

O espaço demarcado no contexto urbano pelos ambulantes, na sua atividade de venda cotidiana pode ser caracterizado como ponto de referência, denominando-se pedaço. Retomando o conceito elaborado por Magnani e adaptando a nosso objetivo, o pedaço “*é um termo que expressa um espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável.*” (MAGNANI, 1996:32).

*No espaço urbano, existem pólos onde os ambulantes prevalecem, principalmente quando acontecem determinados eventos caracterizados por uma grande concentração de pessoas, do qual depende o sucesso de suas vendas. “O término dessas aglomerações, seguido de um esvaziamento (...) confere ao seu espaço de entorno uma imagem provisória.” (COSTA, 1989:24).*

Cada evento em particular gera um espaço capaz de ser recriado de acordo com a sua dimensão, sua importância e duração. Esse ambiente facilita o surgimento do comércio ambulante, que disputa entre si o espaço urbano. A relação produtor/consumidor é direta, não precisando de notas fiscais, regras, taxas, impostos ou qualquer outro tipo de exigência feita para o comércio formal.

*Assim, o Carnatal, que se realiza no mês de dezembro, reúne uma diversidade de atores sociais, onde incluem-se os ambulantes, atores necessários ao bom divertimento dos foliões, fornecendo essencialmente bebidas e comidas. Quanto mais o evento cresce, maior é o número e a necessidade de ambulantes tornando o trabalho uma forma de participação na festa. O estudo desses eventos mostra a mudança ocorrida no cotidiano das pessoas e da*

*cidade no local de suas realizações. Trata-se de pesquisas mais voltadas para o estudo de populações que vivem nas cidades, fazendo destas mais “o lugar de investigação do que seu objeto”. (DURHAM, 1986: 19)*

Desde sua concepção<sup>9</sup> até hoje, o Carnatal, vem se constituindo em um dos maiores eventos do Estado, movimentando muito dinheiro, reafirmando a identidade da cidade, com a referência ao período natalino, trazendo para seu centro uma movimentação intensa de pessoas, tanto do Estado, quanto turistas. A atração favorece a atividade dos ambulantes, ao mesmo tempo que proporciona um meio de inserção social. A festa, ao estruturar-se em torno da dimensão artística e do conhecimento social, propõe uma saída para fora do cotidiano. O espaço festivo é lúdico e estético, transporta-nos para um ambiente mais humano em que a solidariedade social parece mais intensa.

Os ambulantes surgem em qualquer evento que consiga reunir um grande número de pessoas. O espaço por eles dividido é bastante competitivo e, apesar dos conflitos, percebe-se um sentimento de coletividade e amizade entre alguns. O lazer para eles, em sua maioria, está intimamente ligado ao trabalho que exercem, pois se aproveitam desses momentos de festa. Ocorre também divertimento na praia, nas partidas de futebol, entre outros pontos de lazer.

O Estado parece ter se afastado cada vez mais das questões sociais, revelando pouca efetividade na solução ou minimização desses problemas. Para tentar resolvê-los, algumas soluções têm sido ensaiadas. Uma delas é a proteção do Estado aos trabalhadores na forma de auxílios, capacitação, ou por meio de intervenção direta no mercado para a criação de novos postos de trabalho. O Carnatal pode ser visto como uma dessas instâncias de integração do trabalhador informal à atividade econômica.

---

<sup>9</sup> Idéia concretizada no ano de 1991, por quatro empresários de Natal.

*Pesquisando as formas de trabalho no Carnatal*

Escolhemos uma perspectiva antropológica porque a Antropologia Social se faz, em larga medida, na observação de universos microscópicos, pela análise de pequenos quadros do cotidiano, pelo estudo metuculoso do detalhe da prática social.

Elaboramos uma metodologia para obtenção dos dados, com o objetivo de traçar o perfil dos ambulantes e analisar as formas de participação destes no Carnatal. Os dados qualitativos foram obtidos através da observação direta, entrevista aberta e a aplicação de questionários estruturados. Como complemento, analisamos depoimentos de pessoas envolvidas, fizemos uma pesquisa de arquivo<sup>10</sup>, imprensa e bibliográfica.

A pesquisa de campo foi realizada no Carnatal, nos anos de 2000 e 2001, e no “local de trabalho dos ambulantes” (Cidade e Alecrim). Tivemos o cuidado de entrevistar os responsáveis pelos órgãos que promovem e organizam o evento. Foram aplicados cinco tipos de questionários (Vide anexos) envolvendo ambulantes: um junto à responsável da SEMSUR<sup>11</sup>; outro junto aos ambulantes no Carnatal, o terceiro na Cidade e Alecrim, o quarto na DESTAQUE, com a produtora do Carnatal; e o último com um dos diretores do bloco Galo do sol. Em todos os casos, queríamos identificar quem eram os ambulantes, o que pensavam, como viviam e trabalhavam. Também foram entrevistados três antigos carnavalescos da cidade de Natal: José Waldenício, Arruda Sales e Newton Aurélio, os quais contribuíram para o conhecimento do Carnaval em Natal.

Nas entrevistas abertas realizadas com foliões, alguns ambulantes, transeuntes e comerciantes, foi possível identificar como esses trabalhadores são vistos pela sociedade. Tanto a observação, a entrevista e o questionário foram essenciais para a obtenção de uma

---

<sup>10</sup> Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

<sup>11</sup> Secretaria Municipal de Serviços Urbanos.

visão completa sobre o assunto, proporcionando o entendimento de uma questão não apenas econômica, mas principalmente social. O universo da pesquisa foi o centro da Cidade e do Alecrim, e das ruas onde permeiam o Carnatal. Foram entrevistados 100 ambulantes durante o Carnatal e 30 no centro da cidade e no Alecrim, totalizando 130 ambulantes.

O resultado desse estudo culminou em uma dissertação, que encontra-se estruturada em dois capítulos. No primeiro capítulo, procura-se elucidar a noção do trabalho informal tendo como ponto principal a definição das atividades dos ambulantes, a regulamentação ao qual eles são submetidos, onde eles transitam, o perfil dos vendedores ambulantes da cidade de Natal, e a definição de exclusão social. No segundo capítulo, é analisada a relação dos ambulantes com o Carnatal, tendo-se uma visão abrangente da festa, do carnaval em Natal e do Carnatal e da participação dos ambulantes. Finalmente, queremos demonstrar que é preciso contextualizar a venda informal para fazer a análise e insistir sobre o caráter lúdico das atividades comerciais desenvolvidas no Carnatal.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Cláudio Roberto. **O trabalho informal dos “camelôs” no bairro de cidade alta em Natal.** Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção de grau de bacharel em Ciências Sociais. UFRN, 2001.

CACCIAMALI, Maria Cristina. **As Economias Informal e Submersa:** Conceitos e distribuição de renda. IN: CAMARGO, José M. G. Giambiagi, Fábio (org.). **Distribuição de renda no Brasil.** SP, Paz e Terra, 1991.

CAVALCANTI, Sandra Lúcia Barbosa. **A reprodução da força de trabalho do setor informal da cidade de Natal.** Dissertação apresentada como conclusão do curso de mestrado de administração da UFRN. 1988.

COSTA, Elizabeth Goldfarb. **Anel, cordão, perfume barato:** uma leitura do espaço do comércio ambulante na cidade de SP. Nova Stella, SP, 1989.

DURHAM, Eunice. **A pesquisa antropológica com populações urbanas:** problemas e perspectivas. IN: **Aventura antropológica,** RJ, Paz e Terra, 1986.

KOWARICK, Lúcio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina.** 3 ed. RJ, Paz e Terra, 1981.

LOPES, Rodrigo. **A economia informal no RJ:** problema ou solução. MAUAD, RJ, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (org). **Na Metrópole:** textos de TORRES, Lílian de Luca. São Paulo, USP/FAPESP, 1996.

OFFE, Claus. **Capitalismo Desorganizado.** 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** Brasiliense: SP, 1988.

SOUZA, Paulo Renato de. **Emprego, salários e pobreza.** SP: HUCITEC, 1980.

TEIXEIRA, Enise Barth. **O processo e as relações de produção nas unidades produtivas de produção na cidade de Natal, RN.** Dissertação apresentada como conclusão do curso de mestrado de administração da UFRN. 1991.

TOKMAN, Víctor E. Mercados de trabajo y empleo en el pensamiento econômico latinoamericano. In: SUNKEL, Osvaldo (org.). **El desarrollo desde dentro un enfoque neoestructuralista para a América Latina.** México: Fondo de cultura económica, 1990.

VEIGA, Ubaldo Martinez. **El otro desempleo:** la economía sumergida. Cuadernos, n. 10. Barcelona: Anthropor, 1989. (cuadernos, 10)